

**XI Congresso Internacional  
das Licenciaturas**

**O USO DE ERVAS MEDICINAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: ANÁLISE DE  
CONHECIMENTOS E PRÁTICAS CULTURAIS**

**EL USO DE HIERBAS MEDICINALES EN EL CONTEXTO ESCOLAR: ANÁLISIS  
DE CONOCIMIENTOS Y PRÁCTICAS CULTURALES**

**THE USE OF MEDICINAL HERBS IN THE SCHOOL CONTEXT: ANALYSIS OF  
KNOWLEDGE AND CULTURAL PRACTICES**

Apresentação: Pôster

Ayrton Matheus da Silva Nascimento<sup>1</sup>; Layla Camilly de Lucena Silva<sup>2</sup>; Elloá Gomes Lopes<sup>3</sup>; Taiane Almeida Santos<sup>4</sup>; Waldésia Pimentel Borges<sup>5</sup>

**INTRODUÇÃO**

As plantas medicinais fazem parte da história da humanidade há milhares de anos, sendo utilizadas para tratamento de doenças e promoção da saúde. Em diversas culturas, o conhecimento sobre as propriedades terapêuticas das plantas foi passado de geração em geração, consolidando-se como um saber tradicional e comunitário (Cunha; Silva, 2019). Esse conhecimento, conhecido como etnobotânica, combina saberes empíricos e práticos que servem de base para o uso de diversas espécies vegetais em terapias alternativas e tradicionais. No Brasil, o uso de plantas medicinais é amplamente difundido e valorizado entre diversas comunidades, especialmente as de origem indígena, afrodescendente e rural, que preservam e transmitem esses saberes (Costa, 2020).

No contexto escolar, o estudo das plantas medicinais representa uma oportunidade única de integrar conhecimento científico e cultural, proporcionando aos estudantes uma compreensão mais ampla sobre a biodiversidade e os saberes populares. Segundo Vieira e Santos (2021), inserir esses conhecimentos no currículo escolar não só enriquece o aprendizado em ciências, mas também promove o respeito e a valorização das tradições culturais e familiares. Assim, a temática das ervas medicinais no ambiente escolar estimula o desenvolvimento de uma educação contextualizada, que aproxima os alunos de suas raízes culturais e contribui para a construção de uma cidadania mais consciente e plural (Almeida, 2018).

Além disso, abordar o uso de ervas medicinais permite discutir temas como sustentabilidade, biodiversidade e saúde, em sintonia com os princípios da educação ambiental e intercultural. Segundo

<sup>1</sup> Docente da EREM PAF - Gravatá, [ayrthon.matheus@gmail.com](mailto:ayrthon.matheus@gmail.com)

<sup>2</sup> Estudante da EREM PAF – Gravatá – GRE Mata Centro, [laylalucenacamilly@gmail.com](mailto:laylalucenacamilly@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante da EREM PAF – Gravatá – GRE Mata Centro, [gelizabete79@gmail.com](mailto:gelizabete79@gmail.com)

<sup>4</sup> Docente da EREM PAF – Gravatá, [almeida.taiane@outlook.com](mailto:almeida.taiane@outlook.com)

<sup>5</sup> Docente da EREM PAF - Gravatá

Silva e Oliveira (2022), a preservação dos conhecimentos tradicionais relacionados às plantas medicinais é essencial para a conservação da biodiversidade e para o fortalecimento de práticas sustentáveis de uso dos recursos naturais.

Este estudo, portanto, busca investigar o conhecimento e as práticas culturais relacionadas ao uso de plantas medicinais entre os estudantes e suas famílias, visando compreender de que maneira esses saberes são preservados e utilizados em suas comunidades. Por meio de um questionário aplicado no contexto escolar, pretende-se analisar a percepção dos alunos sobre a eficácia, segurança e utilidade das ervas medicinais, promovendo reflexões sobre como a integração desses conhecimentos ao currículo escolar pode contribuir para uma educação mais inclusiva e conectada com a realidade dos estudantes.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O uso de plantas medicinais remonta a tempos antigos, quando culturas em todo o mundo desenvolviam práticas de cura baseadas em conhecimentos empíricos e observações da natureza. Desde as civilizações da Mesopotâmia até as comunidades indígenas na América Latina, o emprego de ervas e plantas em rituais e tratamentos de saúde é uma prática consolidada (Ferreira et al., 2020).

Esse conhecimento ancestral, transmitido ao longo das gerações, formou uma base fundamental para a medicina popular, que, com o tempo, influenciou também os estudos científicos modernos sobre a farmacologia de plantas medicinais. No Brasil, a diversidade biológica e cultural permitiu a formação de saberes complexos e variados sobre plantas medicinais, especialmente entre populações indígenas, afrodescendentes e ribeirinhas, que utilizam esses recursos como parte de seu cotidiano (Silva & Freire, 2010).

O ensino sobre etnobotânica nas escolas, segundo estudos recentes, tem potencial para promover o respeito pela cultura local e desenvolver uma consciência ambiental entre os estudantes (Kovalski; Obara, 2013). A incorporação desses conhecimentos ao currículo escolar pode auxiliar os alunos a reconhecerem o valor das práticas culturais de sua comunidade e contribuir para a preservação dessas tradições.

O resgate do conhecimento etnobotânico no ambiente educacional favorece uma abordagem interdisciplinar e multicultural no ensino de ciências, uma vez que permite o diálogo entre saberes populares e científicos. A valorização dessas práticas por meio da educação não apenas enriquece o currículo, mas também promove uma educação inclusiva e ambientalmente consciente (Ferreira; Pasa; Nunez, 2020). Essa abordagem fortalece as conexões dos alunos com suas raízes culturais e com a natureza, promovendo um aprendizado contextualizado e significativo.

## METODOLOGIA

Este estudo utiliza um questionário estruturado como principal ferramenta de coleta de dados, aplicado a estudantes do ensino médio em uma escola pública estadual. A pesquisa foi conduzida com o objetivo de investigar o uso de ervas medicinais nas famílias dos alunos e suas percepções sobre a

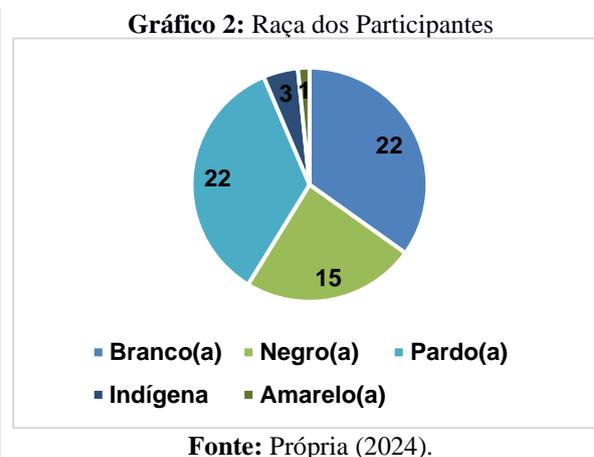
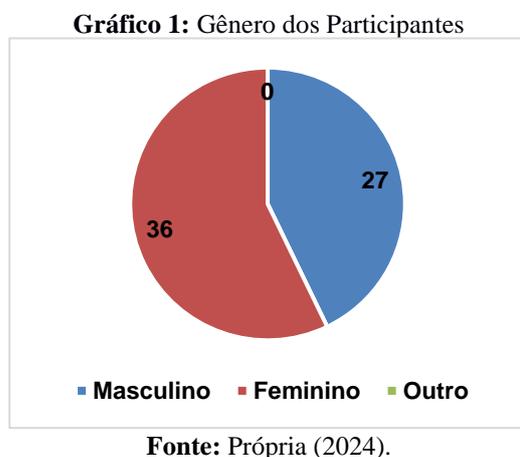
eficácia, segurança e conhecimentos culturais associados. A aplicação do questionário ocorreu durante a primeira aula da eletiva, e os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente.

O questionário foi aplicado a 62 sujeitos – sendo estudantes do 1º ano do ensino médio, com idades entre 15 e 17 anos, e com os seus responsáveis ou parentes mais próximos, acima de 20 anos de idade até 85 anos. A coleta de dados foi realizada em ambiente de sala de aula, proporcionando um ambiente familiar e confortável para os alunos. O questionário incluiu perguntas fechadas, abertas e de múltipla escolha, abordando o perfil do uso de ervas medicinais, como frequência, formas de preparação e fontes de conhecimento.

O questionário foi estruturado em dez perguntas principais e cinco perguntas complementares de caráter étnico-racial. As respostas foram agrupadas em categorias, tais como finalidade do uso (ex.: tratamento de doenças, bem-estar), formas de preparação (ex.: chá/infusão, tintura), segurança percebida, e fontes de conhecimento (ex.: tradição familiar, internet). Os dados coletados foram inseridos em uma planilha e analisados por meio de estatística descritiva, incluindo frequências absolutas e percentuais. Os resultados foram tabulados e apresentados em gráficos para facilitar a visualização e interpretação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

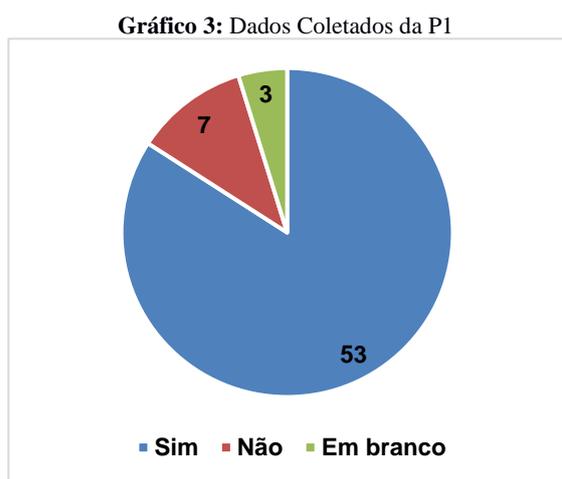
Nesta seção serão apresentadas alguns recortes das perguntas solicitadas aos participantes, no total – para esta análise, foram 7 (sete) perguntas. Nos Gráficos 1 e 2, mostram o gênero e a raça dos participantes. O Gráfico 1 mostrou uma maior participação de mulheres (36 participantes) em relação aos homens (27). Essa tendência pode estar relacionada ao fato de que, tradicionalmente, as mulheres desempenham um papel central no cuidado com a saúde familiar, o que inclui o uso de plantas medicinais. A diferença percentual demonstra que as mulheres estão mais envolvidas com práticas de medicina tradicional e possuem um maior repertório de conhecimento sobre ervas medicinais, refletindo sua atuação histórica como cuidadoras no ambiente doméstico.



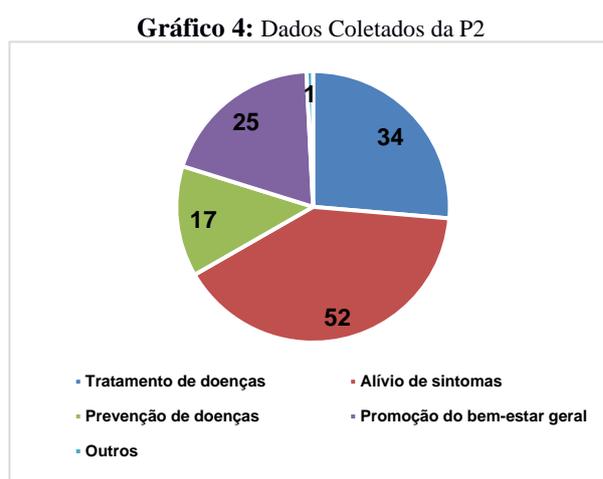
O Gráfico 2 racial indicou que estudantes que se autodeclararam negros e pardos (37

participantes) possuem maior conexão com o uso de ervas medicinais, em comparação com outros grupos. Esse dado pode refletir a herança cultural afro-brasileira, que tem forte tradição no uso de plantas para fins medicinais e espirituais. Os grupos como indígenas e brancos aparecem em menor proporção, mas com contribuições relevantes que sugerem outras influências culturais ou regionais.

A respeito das demais perguntas, serão apresentadas abaixo, mostrando as inquietações e os achados neste estudo:



Fonte: Própria (2024).



Fonte: Própria (2024).

### **P1: Você ou alguém da sua família usa ervas medicinais regularmente?**

A análise dos dados, no Gráfico 3, revelou que 53 respondentes afirmaram que sim, enquanto apenas 7 disseram que não, e 3 não responderam. Esses resultados destacam o uso disseminado de ervas medicinais entre os estudantes e suas famílias, indicando uma forte conexão com práticas tradicionais ou naturais de cuidados de saúde. Isso reflete a relevância cultural e social das ervas medicinais, reforçando sua presença como uma alternativa ou complemento aos medicamentos convencionais. Tal prática pode ser vista como um reflexo de um saber popular que resiste à modernização dos tratamentos médicos.

### **P2: Qual a finalidade do uso de ervas medicinais na sua família?**

No Gráfico 4, a principal finalidade identificada foi o alívio de sintomas (52 respostas), seguida por promoção do bem-estar geral (25), tratamento de doenças (34) e, em menor grau, prevenção de doenças (17). Apenas uma resposta foi registrada na categoria "Outros". Esses resultados sugerem que as ervas medicinais são amplamente valorizadas por seus efeitos paliativos, alinhando-se à percepção de que essas plantas podem melhorar a qualidade de vida e tratar sintomas específicos, mesmo quando não utilizadas para curas definitivas.

### **P3: Quais ervas medicinais são mais utilizadas na sua família?**

Na Figura 1, mostra um esquema mental que reflete um conjunto diversificado de ervas medicinais frequentemente mencionadas pelos estudantes ou suas famílias. Dentre elas, destacam-se nomes como boldo, hortelã e camomila, que aparecem em maior destaque devido

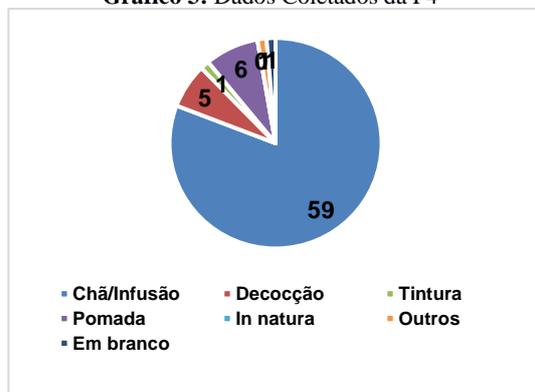
à sua frequência de citação. A presença de ervas menos comuns ou com raízes étnico-culturais específicas, como mulungu, quixaba e babatenon, demonstra a influência de práticas tradicionais de diferentes origens, possivelmente relacionadas à cultura afro-brasileira, indígena e nordestina.

**Figura 1:** Frequência das Ervas Medicinais coletadas na P3



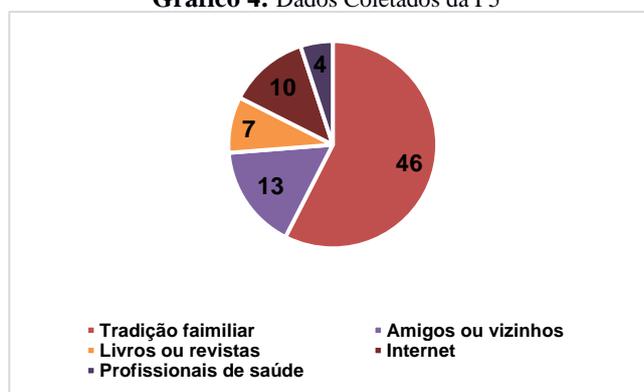
Fonte: Própria (2024).

**Gráfico 3:** Dados Coletados da P4



Fonte: Própria (2024).

**Gráfico 4:** Dados Coletados da P5



Fonte: Própria (2024).

**P4: Como sua família geralmente prepara as ervas medicinais?**

No Gráfico 4, os métodos mais comuns foram chá/infusão (59 respostas), seguidos de in natura (6) e decocção (5). Poucos utilizaram pomadas ou outros métodos. Isso reflete a simplicidade e praticidade das formas de preparo predominantes, como chás e infusões, que requerem poucos recursos e habilidades específicas. Esses resultados também sugerem que a disseminação de formas mais elaboradas de utilização, como tinturas ou pomadas, pode ser limitada por falta de conhecimento técnico.

**P5: Quais são as fontes de conhecimento sobre o uso de ervas medicinais?**

No Gráfico 5, a tradição familiar foi a principal fonte (46 respostas), seguida por amigos ou vizinhos (13), internet (10), e, em menor número, livros ou revistas (7). Profissionais de saúde foram raramente citados. Isso indica que o saber tradicional é a base predominante do conhecimento sobre ervas medicinais, apontando para a relevância das redes familiares e comunitárias na preservação e transmissão desses saberes.

## CONCLUSÕES

Os resultados gerais indicam que o uso de ervas medicinais é amplamente difundido, embasado em tradições familiares e métodos simples de preparo. No entanto, os dados também sugerem lacunas no conhecimento técnico e científico sobre o uso seguro e eficaz dessas plantas. Este cenário reforça a importância de iniciativas educacionais que integrem saberes populares e científicos, promovendo uma visão crítica e informada sobre o tema no contexto escolar.

Os resultados apresentados reforçam a relevância cultural e social do uso de ervas medicinais entre os participantes da pesquisa, evidenciando uma forte conexão com práticas tradicionais enraizadas no cotidiano familiar. A predominância da participação feminina, destacada no Gráfico 1, aponta para a centralidade histórica das mulheres na preservação de saberes populares e no cuidado com a saúde familiar. Esse dado reafirma a importância de abordar a valorização do papel feminino em contextos educativos, conectando o saber científico com a prática tradicional. Por outro lado, os dados de raça indicam que a herança cultural afro-brasileira desempenha um papel significativo no uso de plantas medicinais, apontando para a necessidade de fomentar uma educação que integre conhecimentos étnico-raciais e valorize a pluralidade cultural.

Além disso, as práticas observadas, como o uso majoritário de chás e infusões e a transmissão de conhecimento por tradição familiar, destacam a simplicidade e acessibilidade das ervas medicinais, mesmo em contextos de recursos limitados. Esses resultados abrem caminho para discussões interdisciplinares no Ensino de Ciências, especialmente em Química, ao relacionar práticas tradicionais com conceitos científicos como extração, propriedades químicas e efeitos fisiológicos. Assim, o estudo contribui para a construção de uma educação inclusiva e contextualizada, que valoriza os saberes locais e amplia o reconhecimento da diversidade cultural e científica presente no cotidiano dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

- FERREIRA, André Luís de Souza; PASA, Maria Corette; NUNEZ, Cecilia Veronica. A etnobotânica e o uso de plantas medicinais na Comunidade Barreirinho, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, [s. l.], p. 817–830, 2020.
- KOVALSKI, Mara Luciane; OBARA, Ana Tiyomi. O estudo da etnobotânica das plantas medicinais na escola. **Ciência & Educação (Bauru)**, [s. l.], v. 19, n. 4, p. 911–927, 2013.
- SILVA, T.S.; FREIRE, E.M.X. Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, [s. l.], v. 12, n. 4, p. 427–435, 2010.